CORREIO
NO MUNDO

REUTERS/FOLHAPRESS

Presidente reafirma ameaça nuclear em caso de agressão confirmada

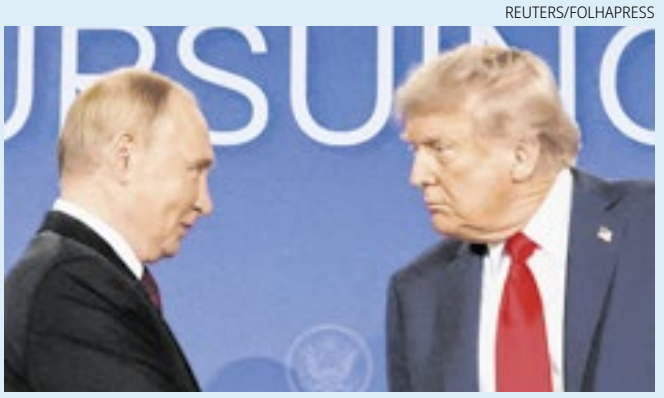
Vladimir Putin acusa Ocidente de erguer nova Cortina de Ferro

O presidente Vladimir Putin disse nesta quinta (1º) que é o Ocidente, e não a Rússia, quem está criando uma "nova Cortina de Ferro" a dividir a Europa de seu país. Ele reafirmou que usará armas nucleares em caso de agressão, mas exortou seus rivais a buscar "viver em harmonia conosco". As declarações foram dadas em uma das oportunidades anuais de ouvir Putin falar sem parar sobre seu tema predileto, o papel da Rússia no mundo, a reunião do centro de estudos Clube Valdai, próximo do Kremlin. Ele discursou por 46 minutos e depois ouviu e respondeu por horas questões de especialistas em política externa de 40 países presentes no evento, que durou cinco dias nas proximidades de Moscou. "Temos de entender que o momento em que nada mais pode ser mudado pode chegar rapidamente e de forma inesperada para todos. A lógica da escalada, com medidas retaliatórias cada vez mais duras, leva a um ponto de não retorno fatal", afirmou.

Militarização da Europa em cena

Putin comentava a militarização da Europa na esteira de sua invasão de 2022 da Ucrânia e a crescente tensão com países da aliança militar Otan, que acusam a Rússia quase diariamente de promover uma guerra híbrida com ataques disfarçados no continente. Sobre a sua guerra, disse que a preferia ver solucionada por vias diplomáticas e que está pronto para isso, mas "em condições aceitáveis para o povo russo". O presidente americano, Donald Trump, retomou o trabalho para tentar mediar uma solução para o conflito.

REUTERS/FOLHAPRESS



Russo usa metáfora da Guerra Fria ao comentar hostilidade da Otan

Putin faz comparação de cunho histórico

Disse também Kiev só controla 11% da região de Donetsk (leste), e que ela cairá "mais rápido do que pensam". O líder russo fez a comparação do momento atual com a recriação da Cortina de Ferro, termo forjado por Winston Churchill em 1946. O então líder da oposição britânica, ex e futuro premiê, assim qualificou a presença soviética no Leste Europeu após a Segunda Guerra Mundial. "Esse é um caminho para a beira do abismo", afirmou, alertado sobre o emprego de armas nucleares.

Presidente russo apela a proposta pacifista

"Podemos ter certeza de que elas nunca serão usadas? Claro que não. Temos de ter isso em mente e evitar tal desfecho", completou, prevendo "novos conflitos internacionais". O apelo pacifista, que incluiu uma exortação à convivência "em harmonia" com o Ocidente, logo foi suplantado pela reafirmação da doutrina nuclear russa em caso de ameaças a Kaliningrado, o exclave do país entre a Lituânia e a Polônia.

Polônia sugere pressão

Há duas semanas, o chanceler polonês sugeriu pressão militar da Otan contra a região, levando a uma reação mais dura de Moscou, que advertiu que irá defender o território com armas nucleares, se for preciso.

"Por que ainda querem destruir o Império Russo, que não existe mais?", disse o presidentr russo, Vladimir Putin.

Derrocada da UE

Segundo Putin, a nova Cortina de Ferro poderá levar à derrocada da União Europeia, ainda que ele tenha dito não ter interesse nisso.

Disse que a recente tomada de ativos de empresas ocidentais ainda operando na Rússia é temporária e pode ser revertida se o mesmo acontecer com firmas russas no exterior.

Má notícia para Trump

O presidente deu uma má notícia para Trump, que tenta colocar um freio nos ataques da Ucrânia à indústria petrolífera de Putin alegando que é isso, e não sua guerra no Oriente Médio, que fez subir o preço do diesel nos Estados Unidos. "O veto à exportação continuará enquanto houver sanções contra a Rússia", afirmou.

Putin cita BRICS

A citação fala acerca da recém-estendida proibição da venda de derivados de petróleo devido aos ataques de Kiev. Putin admitiu que as ações foram "parcialmente bem-sucedidas" para Zelenski, e que o país perdeu 1% de seu PIB — cerca de R$ 140 bilhões. Putin fez a usual defesa do multilateralismo, usando o grupo Brics como exemplo de iniciativa de sucesso.

Elogios à China

"O mundo tem de ser multipolar, não bipolar", afirmou, numa referência sem nome à Guerra Fria 2.0 entre EUA e China, sua aliada. Fez elogios ao relacionamento com os dois líderes das superpotências, Trump e Xi Jinping, mas disse ser mais próximo do chinês. "Nos entendemos sem palavras, só com um piscar de olhos", afirmou.

Encontro pode ocorrer

Os três poderão se encontrar em uma cúpula asiática na China, no próximo mês, mas isso não está certo.

Em relação aos EUA, disse que o país sob Trump está bem menos agressivo em relação à Rússia, ao contrário da tendência europeia.

Por Igor Gielow (Folhapress)

EMILY J. HIGGINS/THE WHITE HOUSE

Americano elogiou o país e disse que 'as pessoas do Brasil são fantásticas'

Trump diz que acompanha as eleições do Brasil 'de perto'

Por **Isabella Menon (Folhapress)**

O presidente dos EUA, Donald Trump, afirmou nesta quinta-feira (1º) que acompanha as eleições brasileiras "de perto" e que o pleito é "muito importante".

O republicano ainda elogiou o país, disse que o Brasil é muito importante e trata-se de "um ótimo país". "As pessoas do Brasil são fantásticas e é uma eleição muito importante".

Na fala, o presidente dos EUA não declarou apoio a nenhum dos candidatos, mas a declaração acontece a três dias do primeiro turno das eleições e em meio ao receio do governo brasileiro de interferência de Trump no pleito, que desde que retornou à Casa Branca travou uma guerra tarifária com o Brasil e seu governo foi marcado por diversas sanções.

Na quarta (30), reportagem do jornal britânico The Guardian afirmou que o governo do republicano planeja destinar US$ 1 milhão (aproximadamente R$ 5,2 milhões) em dinheiro público a grupos contrários ao STF (Supremo Tribunal Federal) sob a acusação de que a corte extrapola as atribuições judiciais e impõe censura no Brasil.

Neste ano, em maio, poucas semanas após a visita de Lula a Casa Branca, Trump recebeu Flávio Bolsonaro no Salão Oval, num gesto de proximidade com um dos principais adversários de Lula na disputa presidencial. Poucos dias depois, o Departamento de Estado classificou o PCC (Primeiro Comando da Capital) e o Comando Vermelho como organizações terroristas estrangeiras, ampliando o alcance dos instrumentos americanos contra as duas facções brasileiras.

A pressão também avançou pelo campo econômico. Em julho, após concluir uma investigação aberta no ano anterior pela Seção 301 da lei comercial americana, o governo Trump impôs uma tarifa adicional de 25% sobre parte das importações brasileiras, citando, entre outros pontos, decisões de tribunais brasileiros sobre plataformas digitais, combate à corrupção, propriedade intelectual e desmatamento. O governo Lula classificou a medida como politicamente motivada, enquanto Washington afirmou que ela respondia a práticas comerciais consideradas injustas.

Depois, outra tarifa, de 12,5%, também foi aplicada contra o Brasil em uma investigação que incluía outras 60 economias, sob pretexto de uso de trabalho forçado.

A escalada chegou também ao terreno diplomático e eleitoral. Em julho, o governo brasileiro negou vistos a dois altos funcionários do Departamento de Estado que pretendiam viajar a Brasília; segundo autoridades ouvidas pelo jornal Washington Post, a missão incluía questionamentos sobre a integridade do sistema eleitoral brasileiro. Em agosto, os Estados Unidos responderam revogando o visto da embaixadora brasileira em Washington, Maria Luiza Ribeiro Viotti, numa medida que o Departamento de Estado descreveu como recíproca.